

## CRÔNICAS CONTEMPORÂNEAS DE AUTORIA FEMININA: UM OLHAR SOBRE OS MODOS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE MARTHA MEDEIROS

Silvana Nascimento Lianda<sup>1</sup>

Orientadora: Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira<sup>2</sup>

*Resumo:* O projeto objetiva identificar os modos de produção difundidos através das crônicas de Martha Medeiros, analisando os efeitos que os mecanismos utilizados pela cronista para defender seu ponto de vista exercem sobre o leitor. Tendo em vista que as crônicas dessa escritora são divulgadas através de livros publicados, das edições de jornais e em redes sociais e blogs; este projeto também busca dar visibilidade aos modos de produção e representação não só da cronista e de seus textos, mas também dos sentidos atribuídos a estes. Como metodologia será realizado estudo teórico referente à temática e estudos das crônicas selecionadas, bem como serão feitos oficinas e questionários destinados a públicos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Com isso, esperamos verificar qual o nível de conhecimento acerca de Martha Medeiros e de suas crônicas, por parte do público leitor selecionado, e observar os modos de produção da escritora, de construção de uma subjetividade feminina, via seu texto, e da recepção desta.

*Palavras-Chave:* Crônicas. Autoria feminina. Produção. Recepção. Martha Medeiros.

### INTRODUÇÃO

A escritora Martha Medeiros, gaúcha de Porto Alegre, formada em publicidade, mas reconhecida por suas crônicas, versa entre a escrita de poesia, romances, novelas e crônicas. Iniciou sua carreira como escritora através da produção de poesias, mas passou a escrever crônicas para colunas semanais dos jornais O Globo e Zero Hora e foi a partir de então que sua carreira literária deslanchou. Com mais de 25 anos de profissão como escritora, milhares de livros vendidos e adaptações de suas histórias para o teatro e o cinema, Martha Medeiros viu o alcance de seus textos ir se ampliando, atingindo públicos diversos. Nesse sentido, a escritora relata que viver da produção escrita nunca foi uma pretensão, um desejo, embora tenha se tornado sua profissão.

As crônicas dessa escritora são divulgadas através de livros publicados, das edições de jornais e em redes sociais e blogs; e considerando esses diversos modos de veiculação, é notório o alcance de tais crônicas a públicos diversificados. Assim, tendo em vista que as redes sociais na contemporaneidade têm sido formadoras e divulgadoras de opiniões e que os livros publicados por Martha Medeiros se destacam, muitas vezes, entre os mais vendidos, como o *Feliz por nada* (2001), segundo dados da Revista Época e da Revista Veja, este projeto é importante por visar identificar os discursos que estão sendo difundidos, seus modos de afirmação, seus impasses e suas possíveis

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: sil\_lianda@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: jailmapedreira@uol.com.br

consequências. Aliado a isso, por serem textos contemporâneos de autoria feminina, o projeto nos leva a refletir acerca do espaço que essas produções estão passando a ocupar, da visibilidade que vai sendo conquistada para a subjetividade feminina e para a sua relevância. Enfim, revela sua importância porque ao propor como objeto de estudo as crônicas de Martha Medeiros busca dar visibilidade aos modos de produção e recepção da cronista e de seus textos, investigando os discursos e sentidos que estão sendo difundidos e seu alcance, os usos que possivelmente estão sendo feitos deles e os interesses envolvidos.

A questão desse projeto, portanto, consiste em investigar as estratégias presentes nas crônicas de Martha Medeiros e os mecanismos utilizados para que elas se tornem populares entre os seus leitores, considerando os modos de produção da escritora enquanto mulher inserida na contemporaneidade. Objetiva identificar os modos de produção e recepção de Martha Medeiros, por meio de suas crônicas, analisando os efeitos que os mecanismos utilizados pela cronista, para defender seu ponto de vista, exercem sobre o leitor e os indícios da construção de uma subjetividade feminina. Nesse sentido, como objetivos específicos faz-se necessário a princípio investigar qual o público visado e influenciado pelas crônicas, identificar os elementos de suas crônicas que são atrativos aos leitores e refletir sobre os sentidos que estão sendo atribuídos, pela escritora e pelo leitor, para as relações sociais, familiares e para o ser mulher na contemporaneidade, considerando, principalmente, os relatos sobre si escritos pela cronista.

## **MODOS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DAS CRÔNICAS**

Os textos da escritora são divulgados através da internet, sendo as redes sociais e os blogs um veículo de sua produção. Acerca desse alcance da internet, Claudia de Lima Costa e Rita Maria Xavier Machado (2004) afirmam que a virada digital, concomitantemente com o crescimento e expansão da internet, vêm possibilitando uma grande velocidade nos fluxos de informação.

Ainda no que se refere a essa circulação das produções de Martha Medeiros, através da internet, é possível notar como isso facilita e favorece seu alcance e sua visibilidade a partir da exposição sobre as vantagens do uso desse meio. Os textos quando publicados eletronicamente, segundo Cláudia de Lima Costa e Rita Maria Xavier Machado (2004), possuem vantagens como: a maior possibilidade de acesso através da internet, a igualdade (relativa) de acesso e a velocidade.

Já segundo o olhar de Martha Medeiros acerca dessa circulação, em entrevista à Revista da Cultura, em 2013, a escritora relata a grande exposição de seus textos na internet como a parte negativa do seu trabalho, o fator que a perturba, uma vez que a partir dessa exposição ela perde o

controle sobre os próprios textos e muitos deles terminam sendo adulterados. Diante disso, afirma que preferiria ter menos leitores, mas que lessem seus textos só no jornal e nos livros.

Ainda em entrevista, mas acerca de sua recepção pelos leitores, a escritora explica que como as crônicas saem no jornal com o seu e-mail, ela se transformou para o olhar de muitos leitores em uma “escritora particular”, pois são inúmeros os e-mails que recebe de pessoas pedindo, na sua maioria, conselhos matrimoniais e dicas para educar os filhos. Além disso, afirma ter muita gente que diz: “Martha, como eu me identifico com o que tu pensa”, “Parece que tu vive aqui dentro de casa”; muitos ainda solicitam: “Leia meu blog”, e como tudo isso é recorrente a tem feito pensar muito sobre o assunto e desabafar: “As pessoas vão achando que elas são donas de ti”.

## **A ESCRITA FEMININA E A ESCRITA DE SI**

Em entrevista à Revista da Cultura, em 2013, Martha Medeiros explica que tenta entender a si própria por meio do que escreve, mas que por alguma razão os textos criam empatia e as pessoas acabam querendo sugar dela mais do que podem. Acrescenta ainda que as pessoas olham e dizem: “Martha, tu é tão bem resolvida”, ao que ela responde que é muito fácil ser bem resolvida por escrito porque reescreve em outro dia, faz uma faxina no texto, repensa, mas que também se atrapalha na vida como todo mundo. Comenta, por outro lado, sobre a realização que sente ao receber várias mensagens de leitores que afirmam: “o primeiro livro que li foi o teu e, a partir daí, comecei a me interessar por outros autores”.

No que se refere à relação entre as crônicas e as vivências da escritora, os textos são relatos de suas experiências. Diante disso, considerando a exclusão histórica das mulheres no que se refere à produção literária, pode-se afirmar que Martha Medeiros contribui para a ampliação desse campo, principalmente por considerar vários aspectos do cotidiano feminino em suas crônicas. Acerca dessa exclusão e das dificuldades encontradas para dar alguma visibilidade ao que foi produzido pelas mulheres, Zahidé Muzart comenta:

Qualquer um que ponha seu empenho na história literária das mulheres brasileiras do século XIX começa por enfrentar problemas. O primeiro é a quase inexistência de reedições, sempre raras porque vendem muito pouco ou porque os textos de mulheres se perdem e desaparecem ao longo dos anos (MUZART, 2004, p. 103)

Assim, por ter sido a literatura de autoria feminina tão invisibilizada e diminuída ao longo da história, os relatos das experiências da cronista dão visibilidade às experiências cotidianas de tantas outras mulheres que não puderam transcrevê-los. Nesse sentido, a respeito do poder político expresso pela literatura, Rita Schmidt ressalta a presença da mulher no espaço dos discursos:

Falar sobre a instituição “literatura” e a presença da mulher no espaço dos discursos e saberes é, pois, um ato político, pois remete às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino, projetando o seu outro na imagem negativa do feminino (SCHMIDT, 1995, p. 185)

Já acerca do poder desse discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita e, conseqüentemente, dos meios de cerceamento que o envolvem, Michel Foucault destaca o que há de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente, ele alerta para onde está o perigo:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade [...] Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 1998, p. 8 e 9)

Assim, Foucault discute que por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder e que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual se quer apoderar.

Esse discurso como o pronunciado ou escrito, quando alcançado pelas mulheres, segundo Zilda Freitas (2002, p. 119), funcionou como muito mais que uma simples transgressão das leis que lhes proibiam o acesso à criação artística, foi um território liberado, uma saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento masculino que as pensava e descrevia, um registro escrito do inconformismo da mulher àquelas leis, uma vez que entre o público e o privado a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo maneiras inovadoras de estar e de fazer. E ainda ressalta:

As mulheres, atualmente, escrevem também por todas aquelas que nos séculos anteriores e mesmo hoje em dia, em culturas mais restritivas, são silenciadas. A meu ver, a escrita feminina é justamente este livre expressar-se do universo feminino, paralelo ao masculino, sem imitá-lo, mas também sem desconhecê-lo (FREITAS, 2002, p. 122)

Rita Schmidt (1995) afirma, por sua vez, que a literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escrita, uma vez que quando se usa a expressão “escrita feminina” quer-se referir ao texto de autoria feminina escrito do ponto de vista da mulher e em função de representação particularizada e especificada no eixo da diferença. Nesse sentido, relata que ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que as manteve nas margens da cultura, superadas

as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, a literatura feita por mulheres hoje se engaja num processo de reconstrução da categoria “mulher”, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante.

Através de suas crônicas Martha Medeiros tem possibilidade de expressar e difundir suas emoções, sentimentos, pensamentos, de modo que sua subjetividade ganhe espaço na vida de inúmeros leitores. Assim, trechos de suas crônicas vão circulando e ajudando a compor as expressões subjetivas de outras pessoas, ao passo que a própria escritora vai se apresentando, narrando acontecimentos que vivenciou ou observou e julgou relevantes para o instante de reflexão.

A escritora, portanto, além de ajudar a compor o cenário de literatura produzida por mulheres, utiliza o cotidiano feminino, e os afetos a ele relacionados, e muitas vezes o próprio cotidiano, como tema para a sua escrita. E é produzida, assim, a escrita de autoria feminina que também é a escrita de si e que, considerando sua difusão, funciona como a escrita de tantas outras mulheres.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Claudia de Lima; MACHADO, Rita Maria Xavier. *www.portalfeminista.org.br: uma biblioteca virtual dos estudos feministas e de gênero no Brasil*. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. In: *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. (Org.). Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.

MUZART, Zahidé Lupinacci. História da Editora Mulheres. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2004.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe. *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1995.

